

MEMÓRIA COLETIVA: APROXIMAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DAS TEORIAS DE SHELDRAKE E JUNG

Área temática: Gestão do Conhecimento Organizacional

Patricia de Sá Freire
patriciadesafreire@gmail.com

Demis Marques
demismarq@gmail.com

Marisa Debatin
patricia.sa.freire@ufsc.br

***Resumo:** Este estudo tem como objetivo entender o processo de construção da memória coletiva pelo indivíduo enquanto participante de um grupo social. Sabendo-se da incapacidade de abranger todas as questões que envolvem esta discussão, mas visando atingir a amplitude mínima desejada, buscou-se apoio nas teorias dos Campos Mórficos de Sheldrake (1995) e de Inconsciente Coletivo de Jung (1964;1980;2000) construindo um caminho de entendimento criação desta memória, mas inclusive de como se processa o “acesso” à ela pelo indivíduo em busca de seu equilíbrio com o meio da memória coletiva. A metodologia utilizada configura-se como descritiva bibliográfica por apresentar características dos fenômenos estudados relacionando as diferentes variáveis e, por se tratar de um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado, partindo de uma revisão de livros relacionados ao tema em questão, promovendo uma discussão intersubjetiva. Os resultados demonstram que há uma forte relação entre os conceitos estudados pelos dois autores. Ambos mostram a possibilidade de se estudar o homem sob outro ângulo, ou seja, considerando seu inconsciente coletivo com seu campo mórfico específico, sendo transmitido por meio de ressonância mórfica.*

***Palavras-chaves:** Campos Mórficos, Inconsciente Coletivo, Memória Coletiva.*

1. Introdução

A ciência sempre busca compreender e explicar fenômenos humanos por meio de pesquisas empíricas. Entretanto, muitos desses fenômenos não podem ser explicados com experimentos, mas sim pela experiência direta e o simbólico. Alguns cientistas desafiam a ciência tradicional e procuram mostrar outras possibilidades, embora sofram retaliações por parte do meio científico. Muitos fenômenos são explicados e compreendidos por outros meios, como é o caso dos arquétipos e do inconsciente coletivo de Jung e dos campos mórficos de Sheldrake. Estes autores recorreram a conhecimentos não reconhecidos pela ciência positivista e obtiveram respostas, que se podem dizer, plausíveis na compreensão desses fenômenos humanos.

Os fenômenos do inconsciente coletivo e campos mórficos apresentados nesse artigo, só foram possíveis de serem compreendidos fora da ciência positivista. O primeiro reúne estudos dos mitos, sonhos, símbolos entre outros. O segundo se concentra em problemas de morfogenia, procurando entender como certos elementos se agregam a outros, formando determinados e específicos sistemas.

Ambos demonstram que há outras possibilidades, as quais os cientistas podem recorrer. E, em função disso, os seus autores são pouco estudados, pois ainda prevalece, no Século XXI, a idéia de que só pode ser científico o que for comprovado por experimentação. No entanto, Jung e Sheldrake revolucionaram o campo da ciência e provocaram os cientistas a saírem de seus “tronos” e olharem para um horizonte de possibilidades que está para além da ciência.

Portanto, estudar esses autores e procurar encontrar entre suas teorias uma relação, significa trazer à tona novas formas de pensar o mundo e o homem no mundo.

2. O Entendimento de Jung

Jung procura entender a função do simbólico na vida do ser humano. Ele utiliza suas próprias experiências interiores, ou seja, seus sonhos e fantasias a fim de compreender o sentido deles na vida e na existência. Sonhos são, para Jung, “[...] fantasias inconscientes, evasivas, precárias, vagas e incertas do nosso inconsciente” (JUNG, 1964:25) Ele encontra nos sonhos um vasto campo de exploração para investigar a faculdade de simbolização do

homem. Em seu entendimento, os sonhos e imagens simbólicas exercem uma função muito relevante na organização psíquica da personalidade global de uma pessoa. (JUNG, 1964) Seus estudos foram além dos conhecimentos da Psicologia tradicional. Sua Psicologia Profunda reúne os conhecimentos ocultos no âmago da alma, esta esquecida pelos cientistas modernos.

Partindo desses conhecimentos, Jung mostra a existência de dois tipos de inconscientes: um, o pessoal, que se encontra na camada mais superficial do inconsciente ao qual correspondem os *complexos de tonalidade emocional*, ou seja, conteúdos conscientes que foram reprimidos ou esquecidos. Mas como isso acontece? O ego, centro coordenador da consciência, sujeito da identidade pessoal e centro dos desejos e das atenções, funciona como um organizador consciente das impressões internas e externas, das lembranças não reprimidas, da sequência temporal, espacial e causal em cada uma das pessoas. Ele, como gerenciador da consciência, é a estrutura psíquica responsável pela tomada de decisões, por fixar prioridades e mobilizar energia física e emocional necessárias para o cumprimento de tarefas. Se o ego deixar de refletir determinados conteúdos, eles se retiram para o inconsciente. (FIALHO; KEIKO; SILVEIRA, 2009.1) O inconsciente pessoal “Corresponde à figura da *sombra*, que freqüentemente aparece nos sonhos.” (JUNG, 1980:60) Para Jung, o sonho é considerado uma representação simbólica do estado da psique e mostra os conteúdos da psique pessoal (os complexos) sob uma forma personificada ou representacional, como pessoas, objetos e situações que refletem os padrões mentais. (FIALHO; KEIKO; SILVEIRA, 2009.1)

O outro inconsciente se encontra na camada mais profunda do inconsciente e foi denominado de coletivo, por ser de natureza universal, isto é, apresenta similaridades em todos os seres humanos e em toda parte por onde se manifesta. Nesse inconsciente está contida a simbologia dos antepassados, seus mitos e crenças, as quais formam as representações coletivas.

O inconsciente coletivo tem muito em comum com o conceito de espírito de grupo e traz em sua bagagem conteúdos inatos, ou seja, encontrados em todos os seres humanos. Eles foram herdados e possuem caráter coletivo. Estes conteúdos jamais estiveram na consciência, nem tampouco foram adquiridos. Jung denominou estes conteúdos de arquétipos, isto é, formas preexistentes. (JUNG, 2000:15)

Mencionamos anteriormente o fato de o inconsciente conter como que duas camadas: uma pessoal e outra coletiva. A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, *os restos da vida dos antepassados*. As imagens das recordações do inconsciente coletivo são imagens não preenchidas, por serem formas não vividas pessoalmente pelo indivíduo. Quando, porém, a regressão da energia psíquica ultrapassa o próprio tempo da primeira infância, penetrando nas pegadas ou na herança da vida ancestral, aí despertam os quadros mitológicos: os arquétipos (JUNG, 1980:69).

Ele encontrou padrões recorrentes nos sonhos e mitos que sugeriam a existência de arquétipos inconscientes, os quais foram interpretados como um tipo de memória coletiva herdada.

O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas idéias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecidas. Parece, portanto, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a idéia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico. Logo, é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição e reações subjetivas (JUNG, 1980:62).

O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. Dessa forma, “O conceito de "archetypus" só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente”. (JUNG, 2000:17) O que Jung chama de arquétipo assemelha-se àquilo a que Durkheim chamou de representação coletiva.

3. O que Sheldrake traz de Novo

Sheldrake defendeu a existência de campos morfogenéticos como estruturas invisíveis que organizam toda a natureza determinando seu comportamento, mas que estão em constante transformação e evolução. Para ele, nestes campos está contida a soma de toda a história e evolução da natureza. Os campos morfogenéticos podem explicar os arquétipos de Jung, embora este não os tenha relacionado com todo o cosmo, apenas com o ser humano. Pode-se pensar que, os arquétipos são transmitidos de uma geração a outra através da ressonância morfogenética. Isso explicaria o conteúdo do inconsciente coletivo, ou seja, as imagens universais existentes desde tempos remotos. Jung não conseguiu explicar como esta herança

ocorria pelo paradigma convencional e o paradigma mecanicista convencional também não explicava o que ele encontrou. Para o paradigma convencional, a hereditariedade depende de informações codificadas nas moléculas de ADN. Poucos sabem sobre a organização dos processos físico-químicos do cérebro e da natureza da memória. As especulações mecanicistas sobre a programação do cérebro implicam em metáforas dualistas em que o *hardware* do cérebro é organizado pelo *software*, cuja natureza física continua a ser obscura.

Apesar da individualidade dos sujeitos, estão todos integrados no programa geral do *homo sapiens*, e também em quadros de programação mais limitados, como as culturas a que pertencem. Mas esta limitação é ilusória visto que o sujeito conectado a esta rede, traduzindo as informações e reinterpretando-as, devolve-as ao meio a partir de suas conexões pessoais, fortalecendo a rede cultural a partir de sua visão e interpretação de mundo (LASZLO 1993:168).

Este fenômeno de construção interativa liga-se a outros fenômenos dentro de uma rede de conexões espaço-temporal e, mesmo que não se perceba claramente, estas relações existem independentemente do lugar e do tempo acontecido, onde os fenômenos se influenciam por meio dos fios invisíveis que os ligam e não pelo fato ocorrido em si. A natureza destes fenômenos é misteriosa e segundo Jung (2008:66) “a forma do mundo em que nasceu já é inata no homem, como imagem virtual”. (FREIRE et al, 2008:4).

O que corrobora com o teorema do físico John Bell (1964), onde duas partículas embora separadas no espaço estejam instantaneamente em correlação e não diminuem esta influencia apesar da distância, existindo então, um fator de conexão em todos os domínios da natureza através de um campo dotado de propriedades conectivas, tanto no nível espacial como no nível temporal. Assim, pode-se dizer que as experiências vividas por um sujeito fazem parte não apenas de seu registro, mas também das recordações de outros que possuam experiência que se aparente estreitamente com a sua, através do acesso aos registros das memórias coletivas (LASZLO, 1993:167).

Como argüiram Freire et al (2008): Mas onde ficariam gravadas estas memórias coletivas para que possam ser acessadas pelos participantes do sistema? Buscando a resposta em Sheldrake (1995), registram-se no Campo Mórfico, que explica ser regiões de influencia não materiais como o campo gravitacional da Terra que permeia todo o universo e mesmo influenciando as relações entre todas as matérias existentes não é visível aos olhos humanos.

Para a física moderna, estas inter-relações de fenômenos são mais fundamentais do que a própria matéria, pois os Campos não podem se explicar em termos de matéria, e sim a matéria que é explicada em termos de energia nos Campos que possuem “uma estrutura que inclui e molda ativamente tudo aquilo que existe e acontece no espaço físico”, sendo o meio da ação à distância e, através dele as matérias pode afetar-se entre si, mesmo se não mantiverem contato direto. Cada uma das matérias existentes está intrinsecamente conectada a um campo mórfico específico, que por sua vez, faz com que um sistema seja uma totalidade articulada e não um agrupamento de partes isoladas.

Qualquer modo novo de pensamento nasce, pela força das circunstâncias, dentro do âmbito dos hábitos de pensamento existentes. [...] os modelos de realidade vulgarmente aceites – e muitas vezes chamadas de paradigmas – assentam em suposições, mais ou menos consideradas evidentes, as quais depressa se tornam habituais (SHELDRAKE, 1995:17).

Para Sheldrake (1995:15), a conexão ao campo não se faz a partir de energias físicas, mas sim a partir de transmissão de informações. O conhecimento construído por um indivíduo soma-se a memória coletiva do grupo da qual faz parte, e pode ser compartilhado por todos, provocando um aumento da consciência não somente daqueles que estão próximos, mas inclusive de qualquer um da espécie, em qualquer lugar e a qualquer tempo, desde que estejam conectados ao Campo Mórfico específico. O autor chama de Ressonância Mórfica o processo difuso e não-intencional de coletivização do conhecimento, ou em suas palavras “o processo pelo qual o passado se torna presente no seio do Campo Mórfico”.

3. Entendendo a Força do Meio em um Diálogo com Jung e Sheldrake

Jung (2008:134) afirma que a cultura, como expressão do interesse coletivo, define o papel que o sujeito exercerá no meio – *Persona* – “uma máscara que aparenta uma individualidade procurando convencer aos outros e a si mesma que é individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do qual fala a psique coletiva”, ou seja, a cultura reafirma o que já é definido pelo próprio grupo, criando para cada sujeito o seu caminho de conforto e segurança (FREIRE et al, 2008:2). Para ele, a cultura reprime progressivamente o que há de animal no homem por meio do processo de domesticação. No entanto, esse processo faz emergir a natureza animal que se encontra sedenta de liberdade. (JUNG, 1980:18)

Entende-se que, cada cultura “molda” a pessoa conforme seus parâmetros. Isto significa que olha-se para a “realidade” criada pela cultura. Esta pode ser percebida como o conjunto de paradigmas coletivos, como um campo de memória acessado pelos seus participantes tantas vezes for necessário, em qualquer tempo e lugar. (Ibidem, 2008:2)

Sendo assim, como a pessoa pode se aproximar de “si própria”, se a força da memória coletiva impõe a ela valores a serem seguidos independentemente do que o “eu é”? Como diz Jung (2000: 31),

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos [...]

O conhecimento de si se traduz no processo de individuação, isto é, maneira pela qual cada um vem a ser o que realmente é. (FIALHO; KEIKO; SILVEIRA, 2009.1) Este processo é um olhar para dentro de si, um despertar, pois “quem olha para fora sonha”, como diz Jung. Para tal, precisa-se levar em consideração o fato dos arquétipos estarem de acordo com a história de vida das pessoas e os significados para cada uma delas.

Comparadas a organismos vivos, a cultura têm formas herdadas e reproduzidas constantemente, sendo auto-organizadoras em vários graus, evoluindo dinamicamente na busca do equilíbrio entre o externo e interno (SHELDRAKE, 1995:332). Construindo assim a sua tradição de ser ou parecer ser como é! E essa tradição vivida na realidade do cotidiano só é identificada quando sua regularidade é perturbada. (Ibidem, 2008:2)

Além de fortalecer o conceito de inconsciente coletivo formatado por Jung (2008), esta linha de idéias de Sheldrake (1995) reforça a noção de Arquétipo, pela noção da interferência do coletivo na construção do sujeito e vice versa, visto arquétipo como conteúdo simbólico do inconsciente coletivo, compartilhado por toda a rede da espécie humana, representado nos mitos e lendas de um grupo social, firmando-se no imaginário individual. Os Arquétipos são padrões naturais da razão e intuição humanos, signos de identificação do ser com o seu meio, e por isso são capazes de orientá-lo na busca do melhor caminho a seguir para equilibrar suas características negativas e positivas.

O Campo Mórfico, para Sheldrake (1995:364), corresponde ao que Jung (2008) denominou Arquétipos, por concentrarem-se no Campo as energias formatadas a partir do

reforço e redundância do passado, construindo os valores compartilhados que limitam as ações do presente e os potenciais para o futuro. Seria como dizer que os modelos mentais (memórias individuais) e os paradigmas (memória das certezas de grupos) estão armazenados em um Campo à disposição de todos os participantes do grupo social do qual fazem parte, para que se mantenha a unidade e a coerência do próprio grupo, construindo além da zona de conforto para a estabilização da *Persona*, também a agilidade necessária para que possa perceber interpretar, agir e reagir ao meio.

4. Caminho de Acesso à Memória Coletiva

Agrupados em um Campo não material, os campos mórficos são de livre acesso para conexões a qualquer tempo e de qualquer lugar por qualquer participante do próprio grupo, formatando um todo coeso que funciona em conjunto.

Como afirma Jung (2008:68), a síntese do sujeito como organismo vivo em conexão contínua com os registros espaço-temporal individuais e coletivos, além da gravação das memórias das vivências, é também “o ponto de partida, o ventre materno grávido de toda vida futura e cujo pressentimento se encontra tanto no sentimento subjetivo, como no aspecto histórico”. Os Campos Mórficos acabam por criar conexão entre o passado do sistema (ser no mundo), o seu presente (ser) e a sua evolução (vir-a-ser), guiando o comportamento do sujeito desde a percepção dos estímulos, a interpretação e sua reação a ele. São os estímulos do presente que provocam no centro nervoso reações químicas que resgatam no Campo *explicações* passadas, provocando a *persona* a se expressar por caminhos pré-definidos. Para continuar sendo aceito, o sujeito se mantém em troca permanente com o meio, confirmando ou substituindo seus modelos mentais em um processo dinâmico de retro-alimentação do sistema, como resume a Figura 1.

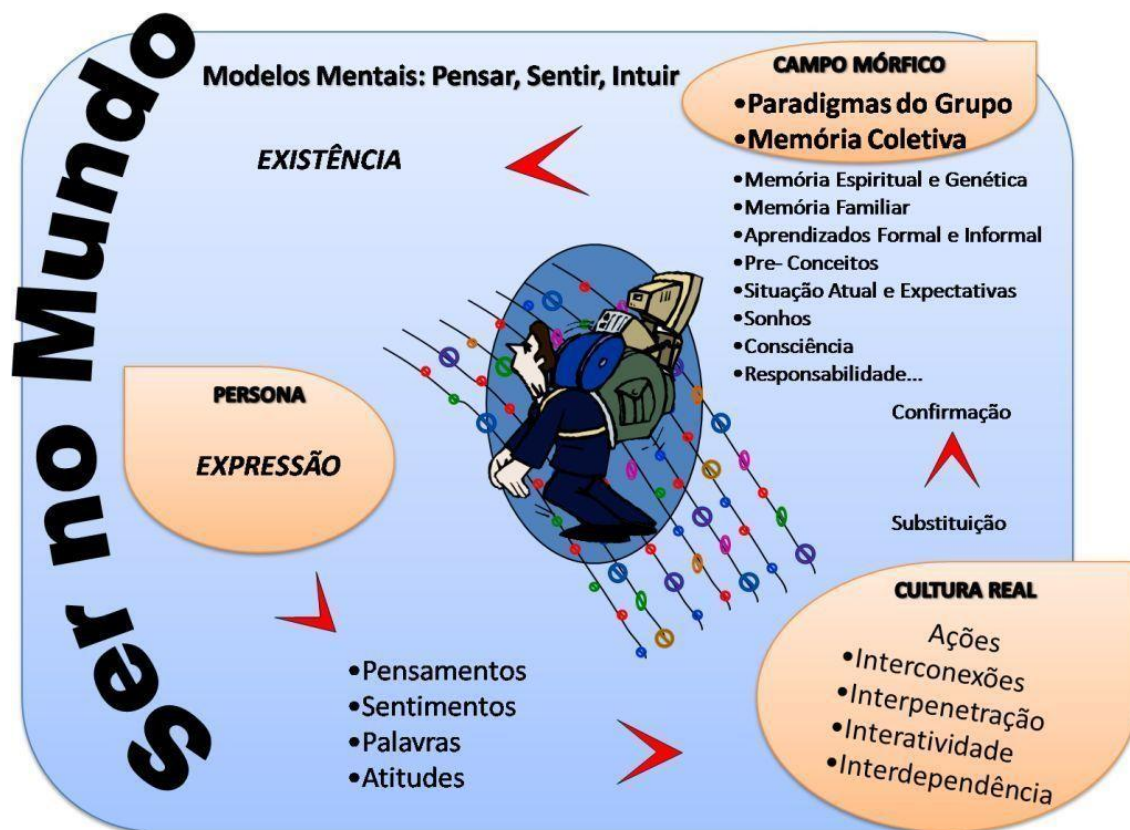


Figura 1: Dinâmicas do Ser-no-mundo Fonte: FREIRE et al (2008)

Percebe-se que o processo é complexo mesmo que seja de rotina. “Assim sou, e assim atuo” (JUNG, 2008:101). O estímulo é selecionado e reconhecido através dos sentidos que estabelecem padrões específicos de atividade no sistema nervoso, e estes entram em ressonância mórfica com os anteriormente estabelecidos pelo mesmo objeto ou similar, como reconhecimento do já arquivado. O padrão havia sido criado no passado e a ressonância ajuda a identificar no Campo o estímulo firmado para a ação no presente. Por um lado, esta ressonância oferece conforto ao fornecer ao sujeito a segurança de identificação das situações que aparecem a sua frente como algo já conhecido. Por outro lado, esta estreita conexão com a história vivida acaba por fixar a perspectiva de análise das novas situações vivenciadas, forçando-as a se encaixar ao já conhecido (SHELDRAKE, 1995). Campo conhecido, mas variável e probabilístico.

O processo de gravações no Campo é formado e apoiado pela ressonância mórfica de vários sujeitos, que exatamente por esta conexão com o Campo se tornam parecidos em seus pensamentos, sentimentos, palavras e atitudes levando-os a tomar decisões semelhantes.

Semelhantes, mas não idênticas. O que acaba por provocar a instabilidade no sistema como um todo, levando às dificuldades de identificação e gerenciamento de soluções para questões difusas provocantes das próprias instabilidades.

Os acontecimentos são susceptíveis de ocorrerem, alguns com mais probabilidade que outros, dependendo dos inúmeros padrões de acontecimentos já inscritos no passado e gravados no Campo. Outros podem vir a acontecer, porém como ainda constam de poucos registros a probabilidade não é muito marcante, mas se, de uma hora para outra, situações externas provoquem seu acontecimento, sua probabilidade aumentará (SHELDRAKE, 1995:174).

Como perceber ou pelo menos tentar entender o caminho pelo qual estes acontecimentos são registrados no Campo? Como as informações individuais são coletivizadas pela ressonância mórfica no Campo de memória do Grupo, para que cada um dos participantes possa acessá-la quando e de onde for necessário?

Resumidamente pode-se afirmar que, os indivíduos que participam deste processo de construção do conhecimento, aceitando os valores coletivos, promovendo-os entre seus pares e confirmando-os com suas vivências exemplares, tanto se beneficiam da aceleração de seu próprio aprendizado a partir dos aprendizados gravados no Campo, como do conforto que a sua aceitação pelo grupo lhes oferece. Para estes indivíduos que aparentam estarem em equilíbrio, as dificuldades só aparecerão quando forem provocados a enfrentar mudanças dos valores que os sustentam.

5. Procedimentos Metodológicos

Este ensaio teórico configura-se, segundo Demo (1998) e Lakatos (2003), como descritivo por tentar descrever as características dos fenômenos estudados estabelecendo relações entre os diferentes conceitos abordados e, bibliográfica por se tratar de um estudo desenvolvido com base em material publicado, partindo de uma revisão de livros, artigos científicos e literatura profissional relacionados ao tema em questão, com o objetivo de aprofundar o conhecimento a respeito dos diferentes perspectivas construídas para apresentar um olhar complexo das situações abordadas promovendo uma discussão intersubjetiva.

Ao realizar esta pesquisa teórica, buscaram-se conceitos de autores antigos e contemporâneos, conforme destaca Machado (2007, pg.100), pois o “reservatório de

conhecimentos já produzido jamais deve ser ignorado” e sim valorizado por facilitar a compreensão do problema/objeto. Ainda, o entendimento com os conceitos oferecidos por diferentes autores foi fundamental para dar sustentação ao problema da pesquisa. Assim buscamos dialogar e nos apropriar de conceitos defendidos por autores clássicos e contemporâneos. “Apropriação implica um trabalho de domínio das proposições dos autores, de reflexão em termos do que elas podem contribuir para a compreensão do problema da pesquisa, dos seus limites e de sua articulação ao quadro teórico/compreensivo construído” (BONIN, 2005a, p. 66).

Neste ensaio não se mostrou os limites dos conceitos de cada autor na compreensão da questão abordada, pelo contrário, buscaram-se os pontos onde um autor dialoga com outro quanto ao entendimento dos conceitos centrais deste artigo, o que transforma as referências bibliográficas em um guia de construção dos conhecimentos procurados. “Cada teoria encara o processo de um ângulo diferente, e cada teoria oferece *insights* que lhe são próprios” (LITTLEJOHN, 1982, p.34). Amadurecendo e indo além da compreensão dos conceitos dos renomados teóricos apontados por este ensaio teórico alcançou-se os resultados desta pesquisa teórica. Sustentados por eles e transcendido por meio da articulação de proposições dos próprios autores citados, elimina-se o medo de avançar em reflexões próprias.

6. Conclusões

O diálogo estabelecido entre Jung e Sheldrake neste artigo, mostra que o inconsciente coletivo estudado pelo primeiro autor pode estar sendo transmitido por meio da ressonância mórfica estudada pelo segundo.

Pela ressonância morfogenética as vivências de um sujeito ficam registradas nos campos mórficos e fazem parte da memória coletiva. Isso explica a simbologia dos antepassados contida no inconsciente coletivo, cujos conteúdos são inatos e encontrados em todos os seres humanos. Esses conteúdos psíquicos, denominados por Jung de arquétipos e que não foram submetidos ao consciente, reproduzem as mesmas ou pelo menos parecidas idéias míticas.

Os arquétipos estão presentes nos mitos, lendas, sonhos e fantasias expressadas pela cultura. O sujeito encontra-se conectado a uma rede de conexões espaço-temporal, fortalecendo a rede cultural, independente do lugar e do tempo. Isso significa dizer que a ressonância mórfica de vários sujeitos conectada ao campo específico torna parecidos seus

pensamentos, sentimentos e palavras, podendo tomar decisões semelhantes. Assim, as vivências de um sujeito são parte de seu registro, bem como das recordações de outros com experiências semelhantes formando a memória coletiva.

Os campos mórficos, como âmbito dos pensamentos existentes, desencadeiam a coletivização do conhecimento, isto é, o processo que torna presente o passado no seio do campo mórfico. Este conceito de Sheldrake fortalece o conceito de inconsciente coletivo de Jung e reforça a noção de arquétipo, o conteúdo simbólico do inconsciente coletivo.

Dessa forma, o inconsciente coletivo é compartilhado pela rede da espécie humana, sendo representado nos mitos e lendas de um grupo social. Sua transmissão pode ser pensada em termos de ressonância mórfica, responsável por identificar no campo o estímulo firmado para a ação no presente.

Tanto Jung quanto Sheldrake mostram a possibilidade de se compreender o presente, considerando como conceitos fundamentais o inconsciente coletivo, arquétipos, os campos mórficos e a ressonância morfogenética para o ponto de partida. Percebe-se que, o segundo autor apresenta uma explicação plausível no entendimento de como o inconsciente coletivo pode ser compartilhado. Também Jung contribui para se compreender a função dos arquétipos nas representações coletivas.

Portanto, pode-se dizer que há uma forte relação entre os conceitos estudados pelos dois autores. Ambos mostram a possibilidade de se estudar o homem sob outro ângulo, ou seja, considerando seu inconsciente coletivo com seu campo mórfico específico, sendo transmitido por meio de ressonância mórfica.

7. Referencias

- BONIN, J. A. *Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação*. Conexão, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p.61-68, jul./dez. 2005 a.
- DEMO P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas; 1998
- FIALHO, Francisco Antônio Pereira; NAKAYAMA, Marina Keiko; SILVEIRA, Ermelinda Ganem Fernandes. **Anotações das aulas: Desenvolvimento Humano**. UFSC, 2009.1.
- FERREIRA JUNIOR, Jackson José de Jesus. “Rupert Sheldrake e os Campos Morfogenéticos: uma contribuição à teoria dos Arquétipos”. Universidade Federal do Amazonas, Departamento de Psicologia, s/n.
- FREIRE, Patricia de Sá *et al.* “Cultura como rede de conexões paradigmáticas: um caminho para entender e gerenciar os estados de crise provocados pela globalização”. Florianópolis, SC, 2008. (no prelo)
- _____. **Re-Significando a Cultura Organizacional de uma empresa brasileira de TI como um Sistema Complexo capaz de Promover Inovação**. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, XXV, 2008, ANPAD, Brasília.
- JUNG, Carl Gustav *et al.* **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. RJ: Nova Fronteira, 1964.
- _____. **Psicologia do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.
- LAKATOS E.M.; MARCONI M.A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5a ed. São Paulo: Atlas; 2003
- LASZLO, Ervin. **Nas raízes do universo**. Lisboa: Instituto Piaget; 1993.
- LITTLEJOHN, S. W. *Fundamentos teóricos da comunicação humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.17-38.
- MACHADO, D.C. *Aprendendo metodologia sob o olhar de uma principiante em pesquisa*. Rastros - Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação 96 Ano VIII - Nº 8 - pág 96 - pág 107 - Outubro 2007 Disponível em : <http://143.107.83.121/ojs/index.php/rastros/article/viewFile/5519/5032> Acessado em: 24/10/2008
- SHELDRAKE, Rupert. **A ressonância mórfica & a presença do passado: os hábitos da natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.